



FOTO Verônica Bem dos Santos

O que será o amanhã?

Expectativas de jovens sobre futuro, política e trabalho

Carolina Salomão Corrêa e Solange Jobim e Souza

Da realidade à representação: construir uma série para jovens brasileiros

Em agosto de 2013, uma empresa nos encomendou uma pesquisa para o desenvolvimento de uma série¹ destinada ao público jovem. O trabalho consistia em desenvolver e conduzir uma metodologia que permitisse traçar um perfil breve, porém consistente, do jovem brasileiro entre 15 e 25 anos. A intenção era que o mapeamento do comportamento² mais geral desse grupo etário permitisse identificar conflitos que pudessem ser representados de forma realista e interessante. Assim, o relatório consolidado da pesquisa serviria de diretriz para orientar roteiristas para a criação de uma série desenvolvida em torno de conflitos e causas identificadas como pertinentes para o público dessa faixa etária.

1 Conteúdo seriado, ficcional ou documental, veiculado na TV ou web.

2 Trata-se da construção de perfil identitário, que privilegia informações de âmbito íntimo concernentes a comportamentos típicos dos jovens pesquisados.

A investigação teve dois grandes focos. O primeiro referia-se a um perfil identitário que privilegiava informações de âmbito íntimo concernentes a comportamentos típicos, angústias, medos e ambições. O segundo teve seu foco nas relações dos jovens com séries e perfil de consumo de conteúdos. Este texto tem como objetivo descrever brevemente o processo da investigação – estratégias metodológicas e enfoques de análise – e apresentar algumas conclusões sobre esses jovens no que se refere a suas expectativas e receios em relação ao futuro. Embora a pesquisa tenha compreendido outros temas, sobretudo os referentes a séries e conteúdos, esse texto se debruça sobre os dados e narrativas relativas a trabalho, política e futuro. Essa opção decorre da percepção da centralidade desses temas no discurso dos jovens, representada na forma de mal-estares e controvérsias ligados ao viver o presente e pensar o futuro.

Deste modo, convergindo estatísticas e depoimentos, este artigo pretende apresentar as expectativas e receios que os jovens nutrem em relação ao futuro e o modo como expressam as angústias que geram. Esse trabalho conta também com uma interlocução bibliográfica, que nos auxilia a identificar e compreender as possíveis razões dos desconfortos e, por fim, pensar formas de interpretação desse contexto.

Como conhecê-los? Sobre a metodologia

Pesquisas sobre juventude não são difíceis de encontrar. Instituições públicas, na forma de secretarias dedicadas ao tema, organizações especializadas, fundações e agências privadas lançam periodicamente relatórios sobre o universo jovem. Frequentemente, essas investigações convergem dados estatísticos com análises especializadas sobre os temas contemplados na pesquisa. Em 2013, a Secretaria Nacional de Juventude (SNJ), em parceria com a Unesco³, lançou a “Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião da Juventude Brasileira”. O levantamento identifica temas de interesse e preocupação dos jovens, níveis de participação política e relação com pais e sociedade. No mesmo ano, a PUC-RS⁴, através do seu Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência da Faculdade de Comunicação Social (Famecos), desenvolveu o Projeto 18/34. A pesquisa realizada com 1.350 jovens, com idades entre 18 e 34 anos, em 16 cidades brasileiras, teve como foco de investigação os hábitos de lazer e consumo; e os sonhos dos jovens brasileiros. Também em 2013, a agência Box 1824 lançou a pesquisa “O sonho brasileiro da política”; trata-se de uma ampla investigação sobre atuação política pela ótica dos jovens. Compreendendo o levante de junho de 2013⁵ como momento paradigmático, a pesquisa busca entender e ilustrar os sentidos construídos a partir do evento. Os dados mobilizados no levantamento questionam o estigma apolítico dos jovens e a aparente apatia em torno do assunto. As pesquisas citadas ilustram o universo de estudos que são produzidos periodicamente sobre o assunto.

3 Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

4 Universidade Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Brasil.

5 As jornadas de junho referem-se à onda de protestos que tomou o país em junho de 2013. O movimento teve como estopim o aumento das tarifas dos transportes públicos em diversas capitais do país, mas converteu-se numa ampla revolta contra as péssimas condições de vida nas cidades, contestação às arbitrariedades do governo e violações de direito pelo Estado.

Para traçar um perfil preliminar dos jovens, recorremos a pesquisas realizadas em 2013, incluindo as citadas, que tiveram como objetivo compreender o universo jovem contemporâneo no que se refere aos seus interesses, medos e aspirações. Além de servir como aproximação inicial ao tema, esse levantamento auxiliou-nos a identificar as lacunas temáticas nas pesquisas existentes e indicou os pontos que precisaríamos investigar no questionário. Deste modo, a ideia é que esse levantamento permitisse traçar uma compreensão breve sobre esse grupo etário, identificar pontos de interesse e, por fim, que servisse de base para identificar lacunas que precisariam ser exploradas na nossa investigação.

A opção por recorrer a essas fontes baseou-se na hipótese de que muitos dos dados que julgávamos relevantes conhecer já haviam sido levantados por pesquisas mais amplas, de âmbito nacional, com alta amostragem. Informações sobre ambições, medos, sexualidade e hábitos referentes a consumo, uso de mídias eletrônicas e sociais já haviam sido explorados por levantamentos anteriores.

O conjunto dessas informações constituiu parte significativa do perfil que desejávamos traçar. Assim, acessar esses dados a partir dessas pesquisas nos permitiu manter nossa pesquisa mais focada e enxuta. Sabíamos que um questionário extenso poderia ser exaustivo e isso poderia comprometer a qualidade das respostas, além do risco de reduzir o universo de questionados. O número excessivo de perguntas e o tom demasiado genérico poderiam desestimular possíveis respondentes. Assim, utilizamos o questionário para aprofundar questões concernentes a três esferas que percebemos pouco exploradas nas pesquisas consultadas: sexualidade, motivações e angústias, e preferências relacionadas às séries (temas, universos, mídias utilizadas).

Na segunda etapa metodológica, utilizamos a ferramenta do Google, ‘google docs’, para criar um questionário com 15 perguntas, que procuravam aprofundar as pistas fornecidas pelos levantamentos anteriores, conferindo-lhes especificidades que nos interessavam. Intitulado apenas de “Quem é você?”⁶, o questionário convidava os jovens a responder perguntas referentes ao seu universo íntimo (sexualidade, relações afetivas e angústias) e suas preferências em relação a séries e temas. Nessa etapa, 409 jovens nos ajudaram a construir uma ideia acerca do que angustia e o que deseja, em termos de conteúdos, a juventude entre 15 e 25 anos.

Por fim, em um terceiro momento da pesquisa, realizamos rodas de conversas⁷ com três grupos distintos de jovens. O objetivo desses encontros foi conferir uma discursividade

6 O questionário foi aplicado online e está disponível no link: bit.do/quemehvoce

7 A primeira roda foi realizada em um colégio público na zona oeste da cidade, com 20 adolescentes entre 15 e 19 anos. O segundo encontro ocorreu numa universidade pública na zona sul do Rio e contou com a presença de 17 jovens entre 18 e 25 anos. A última roda foi composta por cinco jovens entre 22 e 25 anos numa instituição particular, no centro da cidade. Ao todo, conversamos com 42 jovens com perfis etários e socioeconômicos distintos.

de às informações coletadas nas etapas anteriores. Para tanto, reunimos notícias⁸ que ilustravam os dados expostos pelas pesquisas e propusemos um debate acerca dos temas mais pertinentes à pesquisa. Selecionamos quatro: sonhos e medos, mercado de trabalho, sexualidade e seriados. Dessa forma, apresentamos notícias com essas temáticas para desencadear a conversa com os jovens. É importante ressaltar que as notícias tinham como único propósito incitar o debate. Nesse sentido, embora o conteúdo da matéria fosse relevante, a abordagem dos temas era superficial. Por essa razão, optamos por reportagens breves, que pudessem ser compreendidas e debatidas em poucos minutos. Em todas as dinâmicas, dividimos os jovens em pequenos grupos e pedimos que lessem e discutissem o tema explicitado na notícia. Posteriormente, cada grupo apresentava sua notícia e a conversa com os demais participantes seguia a partir daí.

Uma observação importante sobre essas dinâmicas é o fato de as rodas terem “vida própria”, no sentido de que, embora a gente propusesse os temas a partir das notícias gatilhos, quem escolhia o que ia ser ressaltado ou negligenciado no debate eram os próprios participantes. Cada grupo e, em última análise, cada participante, elegeu o assunto que desejava debater a partir da notícia. Além disso, a natureza polifônica das rodas de conversa permitiu que as convergências e dissonâncias das preferências, posicionamentos e discursos fossem expostas, confrontadas e defendidas em grupo.

A consolidação das três etapas metodológicas nos permitiu conhecer os jovens pesquisados em dois aspectos, que nomeamos identitário e de consumo. O primeiro identificou os motivos de angústias e causas que mobilizam os jovens. O segundo, as preferências em relação a conteúdos e temas relacionados ao universo das séries (temas, gêneros, títulos) de modo específico.

Nesse texto, iremos privilegiar a análise dos aspectos identitários revelados na pesquisa, com foco especial nos principais anseios, medos e posicionamentos dos jovens frente a temas que julgamos relevantes nesse universo e para a pesquisa. A compreensão sobre a identidade desses jovens foi sistematizada em torno de três eixos temáticos: sonhos, trabalho e política. A observação das narrativas em torno desses temas revelou angústias em relação ao futuro profissional e o sentimento ambíguo entre a descrença e a esperança no futuro.

8 <http://g1.globo.com/jornal-hoje/noticia/2013/11/pesquisa-mostra-que-jovens-brasileiros-querem-viajar-e-ser-feliz.html>

<http://f5.folha.uol.com.br/televisao/2014/09/1517327-friends-20-imortalizou-uma-juventude-que-nao-existe-mais.shtml>

<http://oglobo.globo.com/economia/emprego/empresas-terao-que-se-adaptar-para-reter-jovens-profissionais-da-geracao-z-13904611>

<http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/2014/09/1524208-a-sexualidade-e-um-assunto-que-desafia-diz-marcelo-tas-sobre-filho-transexual.shtml>

O que será o amanhã?

Sonhos

O desejo de conhecer o mundo e realização profissional lideram os sonhos dos jovens consultados pelo projeto 18/34, elaborado pelo Núcleo de Tendências e Pesquisa do Espaço Experiência da Faculdade de Comunicação Social (Famecos) da PUC-RS. Segundo o levantamento, 66% dos jovens desejam conhecer o mundo e quase metade, 47,9%, almeja ser feliz no trabalho. A realização profissional e financeira é representada em outras formas de resposta, como “trabalhar e ganhar bem”, “ganhar muito dinheiro e acumular patrimônio” e em formulações mais nobres como “ser capaz de ajudar os outros”.

Nas rodas de conversa, além do sucesso profissional, constituir família e viver confortavelmente apareceram como desejos recorrentes. A maioria dos jovens contestou a afirmação de que conhecer o mundo seja um dos principais desejos dos jovens. Alexandra, 22 anos, explica que os jovens viajam porque adquirir o que realmente desejam é muito caro e, portanto, distante da realidade.

Eu prefiro ter meu apartamento e depois viajar, prefiro juntar dinheiro para ter uma coisa própria, pra depois sim viajar. Mas o que acontece muito também é, tipo eu, eu não tenho dinheiro para ter uma casa própria, mas eu tenho dinheiro pra viajar, aí eu viajo.

Nesse grupo, os jovens não falaram em riqueza, mas em conforto. Mais do que ganhar dinheiro, eles desejam gostar do que irão fazer. Nos encontros, alguns jovens relataram ambicionar mais uma atividade prazerosa e boa relação interpessoal com seus pares do que uma boa remuneração. No entanto, esse pensamento não é geral. Muitos ponderaram que o desejo de ter casa e posteriormente família “obriga” à submissão a trabalhos pouco prazerosos. Júlia, 23 anos, fala do equilíbrio entre identificação e necessidade.

Eu acho importante trabalhar num lugar que você se identifica com os valores, com as pessoas, com a forma de trabalhar, o que a empresa representa e se você seria feliz trabalhando lá por um bom tempo (...) mas ao mesmo tempo ninguém tá podendo recusar um emprego.

Ponderações como a de Júlia deixam claro que, embora o levantamento indique viagem e lazer como principais sonhos dos jovens, a questão do trabalho precede estas, uma vez que é ele que viabiliza a realização dos demais desejos.

Além de ser uma das maiores ambições da juventude, ou talvez por isso, o trabalho é também fonte de preocupação. De acordo com dados da Secretaria Nacional de Juventude, 34% dos jovens preocupam-se com seu futuro profissional. No questionário, incertezas em relação à carreira e medo do desemprego são os problemas que tiram o sono dos jovens consultados.

Korman Dib e Castro (2009) observam como a construção de um projeto profissional e o momento de inserção no mercado de trabalho têm se configurado como um período de crise na trajetória dos jovens. O ingresso no universo profissional é acompanhado de tensões, inquietações e questionamentos. As autoras observam, balizadas em estudos focados no universo do trabalho, que as profundas transformações sociais, políticas e tecnológicas das últimas décadas alteraram profundamente a forma como os indivíduos se relacionam com o futuro, o trabalho e o tempo. Diante disso, “as condições de construção de um projeto para a vida pessoal/profissional vêm se modificando substancialmente” (Korman Dib e Castro, 2009, p. 4). Nesse contexto, os jovens, por estarem no momento de tomar decisões e fazer planos, são os mais afetados.

Segundo dados da SNJ, educação e futuro profissional são os temas que os jovens mais gostariam de debater com seus pais e responsáveis. Em uma das rodas, Guilherme, 24 anos, ressaltava a dificuldade que as gerações anteriores têm de entender o atual contexto.

Nossos pais têm até dificuldade de entender isso, a gente se forma na melhor faculdade, na dita melhor faculdade da área no Brasil, e tem dificuldade de conseguir emprego. Ter um curso bom já não é suficiente, já tem que ter pós, correr atrás de estar se atualizando sempre e saber que nunca vai ter a estabilidade que as gerações anteriores tinham.

Korman Dib e Castro (2009) observam que “o alto investimento direcionado aos jovens de classe média e média alta, como cursos de idiomas, prática de esportes, curso superior, intercâmbios, viagens etc. coloca-os em situação aparentemente privilegiada em relação aos demais” (Korman Dib e Castro, 2009, p. 5). No entanto, diante dos depoimentos de dificuldades e crises, “cabe questionar se os privilégios, traduzidos em facilidades no acesso a recursos e informações, estariam sendo confundidos com efetivas oportunidades de inclusão e desenvolvimento profissional” (Korman Dib e Castro, 2009, p. 5). O depoimento de Julia corrobora a análise das autoras.

Eu fiz três estágios em publicidade e larguei o que eu estava porque pensei ‘não quero ser efetivada nesse lugar que eu tô’. Viajei, fui fazer um curso (fora do país), voltei. Quando voltei, pensei ‘vou procurar uma vaga num lugar que eu goste, eu sou qualificada o suficiente para conseguir uma vaga legal, né?’ Não! Não que eu não seja qualificada, mas tá f... Eles têm uma vaga pra marketing, mas você também tem que ser designer, tem que ter web e ser também redator e eles querem pagar mil reais trabalhando sábado também. É só vaga assim.

Além das exigências absurdas por flexibilidade e as baixas remunerações, os jovens depoentes queixaram-se da insegurança do vínculo com a empresa. Embora trabalhe numa empresa que considera sólida e com um bom plano de carreira, Pedro, 25 anos, acredita que não há estabilidade no ambiente de trabalho. Ele argumenta que “sua estabilidade hoje está ligada a você matar um leão por dia, sua estabilidade de fato não é estabilidade, é uma ascensão, enquanto você estiver subindo, seu emprego tá seguro”.

Às incertezas quanto ao futuro e às tensões e dúvidas que marcam o momento da inserção profissional somam-se um contexto socioeconômico que agrava os desconfortos e um sentimento generalizado de descrença na política e nas instituições.

Política

Dos jovens consultados pela SNJ, 54% consideram a política muito importante, no entanto, apenas 9% se consideram politicamente atuantes; 34% se dizem interessados, mas sem atuação, e 38% declaram a falta de interesse e o não envolvimento. No questionário, menos da metade dos jovens, 44%, tem a política como tema de mobilização e interesse.

Esses dados vão ao encontro dos depoimentos coletados nas rodas de conversa. Em todos os encontros, os jovens reconheceram a atuação política como principal via para promoção de mudanças. No entanto, há um descrédito generalizado com as organizações e partidos. Ainda segundo dados da SNJ, apenas 17% dos jovens acreditam que os partidos políticos são a melhor forma de organização. Esses dados podem revelar uma crise de representatividade política, uma vez que o baixo engajamento político não revela desesperança ou pessimismo. De modo contrário, 91% dos jovens acreditam que a juventude pode mudar o mundo. Os jovens parecem apostar em ações mais autônomas, sem mediação. As mobilizações na rua, organizações coletivas e ação direta aparecem como principais maneiras de atuação política para melhorias. Engana-se também quem acha que o jovem considera suficiente reclamar pela internet. Embora 34% dos jovens utilizem esse meio para opinar e cobrar os políticos, a maioria aposta nas organizações coletivas – assembleias, fóruns, audiências públicas – como melhores espaços de atuação política. Os dados fornecidos pela SNJ nesse tópico mostram que os jovens não relacionam política representacional com engajamento político. Embora não reconheçam partidos e instituições como representantes de seus anseios, eles nomeiam diversas formas de atuação política.

Contudo, quando colocados em perspectiva com dados de outras pesquisas e depoimentos dos jovens, os números sobre atuação política, protagonismo juvenil e expectativa de melhorias revelam-se contraditórios. Nas rodas de conversa, a proximidade com as eleições presidenciais de 2014 desencadeou um discurso crítico e descrente nos políticos. No que se refere à política, o tom foi majoritariamente de descrença. Alexandre, 19 anos, não acredita que os meios existentes de mudança são suficientemente potentes e propõe a criação de novos, sem, no entanto, citá-los. Opina que “o jovem vai ser mudado, mas não vai mudar. Não dá para mudar (o mundo) com os meios próprios daqui, tem que subverter esses meios e arrumar outros”.

Nesse mesmo grupo, diante do consenso da impossibilidade de mudança, os jovens falaram em fugir para o campo, morar no interior, fundar uma “outra sociedade”. A tendência por soluções individualistas revelada pelos jovens se coaduna com os dados sobre expectativas de melhorias fornecidos pela “Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião da Juventude Brasileira” (anteriormente citada).

Os dados da SNJ expõem uma tendência individualista. Apesar da descrença na melhoria do mundo – apenas 36% dos jovens acreditam que o mundo vai melhorar nos próximos cinco anos –, 94% dos jovens confiam na melhoria de sua vida pessoal. É interessante perceber que, à medida que o universo se individualiza, o nível de esperança aumenta: as expectativas em relação ao país são um pouco mais otimistas, 44% dos jovens confiam na melhoria do Brasil nos próximos cinco anos, e 53% acreditam na melhoria do seu bairro. Ainda segundo o estudo, 68% dos jovens acreditam no esforço pessoal e no apoio da família como condições fundamentais para melhorar a própria vida. Para 47%, as políticas de governo são responsáveis por garantir seus direitos.

No entanto, embora o discurso descrente e de aparente passividade tenha sido amplamente enunciado, houve ponderações a esse respeito. Rodrigo, 17 anos, acredita que é preciso fazer escolhas e identificar possibilidades, afirmando que “hoje, o cidadão brasileiro não se importa com a política. Nessas eleições – ‘ah vou votar em qualquer um, vou votar branco, nulo’ – tá difícil escolher candidato. Mas se a gente não tentar ver algum ponto positivo em alguém aí, nunca vai mudar”.

No mesmo grupo, Daniel, 16 anos, argumentou que a política pode ser uma via, mas acha que não precisa “entrar para a política para fazer alguma coisa”. Ele acredita que a mobilização pode ser anterior e começar em espaços como a escola, por exemplo. Encontro e mutirões para promover melhorias nos espaços comuns e caros a eles, como a escola ou seu bairro, são atuações que Daniel considera uma forma de atuação política. Ele acredita que esses movimentos podem crescer e incentivar iniciativas parecidas em outros espaços.

A pesquisa “O sonho brasileiro da política” (2014) realizada pela agência Box 1824 revelou um grupo de jovens que o estudo nomeia “hackers da política”. Eles entendem os códigos do sistema e constroem uma nova lógica para transformá-los. Eles são apenas 16% do universo contemplado pela pesquisa, mas a sua atuação tem grande potencial. Assim como os demais jovens, os hackers atuam por causas e não se relacionam com partidos, embora não excluam o diálogo com instituições como forma de ação.

Conclusão

A partir da convergência de informações das três etapas metodológicas, foi possível afirmar que estamos diante de um grupo heterogêneo. Os jovens ouvidos na pesquisa equilibram descrença no futuro com confiança em dias melhores para si. Entretanto, divergem nos meios para alcançar essas melhoras. Pensam em política, mas a atuação ainda é tímida.

O ano eleitoral suscitou narrativas de descrença com o sistema político. No questionário e nas pesquisas nacionais, menos da metade dos jovens se interessa pelo tema da política, ainda que o julgue importante. Embora se reconheçam num contexto democrático, os jovens pesquisados não se sentem representados por pessoas ou instituições. Embora citem outras formas de organização como possibilidades de ação, poucos afirmam participar de movimentos nesse sentido. As mobilizações sociais que marcaram o ano de 2013 também não pareceram representar uma forma de manifestação política ou de exercício da cidadania na qual eles se reconheçam. De modo geral, houve silêncio ou desdém em torno das possibilidades e razões do evento. O cenário político, econômico e social do país os desagrada, mas há uma aparente passividade em relação ao tema e uma evidente desesperança.

Nesse sentido, a partir dos depoimentos dos jovens dessa pesquisa, foi possível perceber que não são as questões de cunho coletivo e social que estão mobilizando os jovens, mas, de modo inverso, é o seu universo pessoal que os angustia e mobiliza. A maioria dos jovens consultados revela uma profunda preocupação com seu futuro profissional e financeiro. O desemprego, o alto custo de vida e a dependência financeira dos pais ou responsáveis despontam como principais fatores de inquietação e angústia. Os jovens se preocupam com o porvir, mas têm dificuldades de nomear os meios para interferir em suas realidades. Nesse sentido, narram-se quase como que fadados a uma realidade desconfortável ou precária. No entanto, paradoxalmente, eles acreditam num futuro melhor para as suas vidas, mas não para as esferas coletivas. Parece haver uma esperança individual baseada nas próprias qualificações e esforço pessoal, demonstrando como o discurso da meritocracia está presente na ideologia amplamente difundida no campo social e revelada na fala dos jovens.

Nesse ponto, é possível afirmar que o contexto sociopolítico do Brasil e do mundo, na esfera mais ampla, dialoga de forma direta com esses mal-estares. Desde 2008, o mundo passa por crises econômicas severas. A Europa, que foi sempre modelo de conforto e prosperidade, se recupera com dificuldade das sucessivas crises e ainda experimenta altas taxas de desemprego entre os jovens. Itália, Portugal e França veem seus governantes⁹ alterarem seus estatutos trabalhistas, impondo perdas de seguridades sociais históricas. Na América Latina não é diferente. Ainda que o Brasil tenha experimentado um contexto de aumento do emprego formal, os jovens ainda constituem a faixa etária mais vulnerável ao desemprego, à desocupação e a vínculos de trabalho precários. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged)¹⁰, 2014 fechou com decréscimo de 64% em relação ao ano anterior na criação de empregos formais. Deste modo, é possível afirmar que existe um desconforto sentido e expressado pelos jovens, e um contexto socioeconômico que o favorece e justifica.

9 <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/34638-europa-mexe-na-lei-trabalhista-contra-crise.shtml>

10 <http://g1.globo.com/economia/noticia/2015/01/pais-criou-396993-vagas-de-emprego-formais-em-2014.html>

Assim, encontrar meios para solucionar problemas que são comuns a essa faixa etária é o desafio que está posto para o poder público, mas também para os próprios jovens. Os discursos apresentados nas rodas de conversa mostraram uma aparente solidão. A angústia deriva de um sentimento de isolamento e ausência de horizontes. Nesse sentido, nos parece claro que o primeiro passo é a compreensão por parte dos jovens de se tratar de uma questão global, e o segundo é o reconhecimento do seu potencial enquanto agentes de mudança. Como evidenciou o estudo “O sonho brasileiro da política”, da agência Box 1824, há um grupo ainda minoritário, mas com grande potencial de mobilização, que vê na crise brechas para o encontro e a inovação. O levante de junho mostrou que a comunicação em rede é capaz de promover pequenos, mas significativos abalos nos consensos. A prática de reuniões, assembleias e atos indicou que, uma vez identificadas as demandas, os jovens são capazes de se reunir e mobilizar-se por causas que julgam importantes. Os movimentos globais têm demonstrado o papel central da juventude nesses processos. As acampadas desde Wall Street, passando por Madri, Istambul e, mais recentemente, Hong Kong, embora sem lideranças, têm em comum um forte protagonismo da juventude dessas cidades.

Assim, se por um lado esses movimentos evidenciam uma crise de representatividade aguda, eles também lançam luz sobre outras formas de organização e novas possibilidades de atuação política. A autonomia dos participantes, a horizontalidade e as construções coletivas próprias das manifestações globais pró-democracia são evidências de uma nova forma de se organizar. Identificar as possibilidades de ressignificar a política é o desafio que está posto a esses jovens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOX 1824. **O sonho brasileiro da política**. Disponível em: <http://sonhobrasileirodapolitica.com.br/> Acesso em: 8 de outubro de 2014.

KORMAN DIB, S.; CASTRO, L. R. O trabalho é projeto de vida para os jovens? **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho (USP)**, v. 13, n. 1, pp. 1-15, 2010.

FAMECOS/PUC-RS. **Perfil do Jovem Brasileiro**. Disponível em: <http://portal.eusoufamecos.net/estudo-da-famecos-revela-comportamento-do-jovem-brasileiro/> Acesso em: 1 de setembro de 2014.

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO. **Perfil da Juventude Brasileira**. Disponível em: http://www.fpabramo.org.br/uploads/perfil_juventude_brasileira.pdf Acesso em: 8 de outubro de 2014

SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. **Pesquisa Nacional sobre Perfil e Opinião da Juventude Brasileira**. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf> Acesso em: 1 de setembro de 2014.

RESUMO:

A partir de uma experiência de pesquisa para o desenvolvimento de uma série dedicada ao público jovem, esse artigo destaca as expectativas desse grupo etário em relação ao futuro, trabalho e política. Convergindo dados estatísticos e depoimentos, percebemos que o futuro narrado pelos jovens é permeado por incertezas e o momento da inserção profissional é vivenciado entre tensões e dúvidas. Somado a isso, há um contexto sociopolítico que não inspira confiança e um sentimento difuso de descrença na política e nas instituições. Esse texto tem como objetivo descrever brevemente o processo da investigação – estratégias metodológicas e enfoques de análise – e apresentar algumas conclusões sobre o modo como os jovens manifestam as angústias geradas pelas temáticas do trabalho, política e futuro. Essa opção decorre da percepção da centralidade desses temas nos discursos dos jovens representada na forma de mal-estares e controvérsias ligados ao viver o presente e pensar o futuro.

PALAVRAS- CHAVE: juventude, futuro, trabalho, política.

DATA DE RECEBIMENTO: 13/03/15

DATA DE APROVAÇÃO: 02/07/15

**Carolina Salomão Corrêa**

Doutoranda em Psicologia Clínica na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Brasil. Possui graduação em Comunicação Social pela mesma instituição. É Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2010). É membro-pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade – GIPS.

krolsalomao@gmail.com

**Solange Jobim e Souza**

Doutora. Professora Associada do Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio, Brasil. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil. Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Coordenadora do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa da Subjetividade – GIPS, no Departamento de Psicologia da PUC-Rio, Brasil.

soljobim@puc-rio.br